

TODO DIA É DIA DE CIRCO

O riso no picadeiro, a oficina de bonecos — o sonho de Mestre Zezito agora vira realidade

Kleber Lima/CB



ROSIENEIDE COM
AS CRIANÇAS DA
COMPANHIA CIRCO
BONECO E RISO

MARCELO ABREU

DA EQUIPE DO CORREIO

Ao se chegar à rua sem asfalto, de longe, vêem-se meninos e meninas andando com pernas-de-pau. E, de repente, um monte deles, pintados com cara de palhaço, cantam: “Pipoca, amendoim torrado, carreguei sua tia num carrinho quebrado...” É inacreditável que ali, naquela cidade goiana a 45 km do Plano Piloto, tão perto e tão absurdamente longe de Brasília, a vida ainda consegue ter outro sentido. Talvez mais lúdico. Talvez mais ingênuo. E, até por isso também, mais humano. A criançada, de todas as idades, voa com suas pernas gigantes. Entoa canções que ninguém canta mais. E ri, como criança feliz que gosta de palhaço. É uma cena para ficar na memória.

Estamos em Águas Lindas, numa rua pobre e sem asfalto do Jardim América. Nessa mesma rua, numa casa com piso de cimento bruto, acontece, todos os dias, uma verdadeira revolução. Pode-se chamar esse movimento de revolução cultural. Pode ser também uma revolução de almas. O simpaticíssimo dono da casa humilde onde crianças viraram artistas nem mora mais lá. Em maio, um infarto fulminante o matou aos 56 anos de idade. José André dos Santos, um cearense mirradinho de Juazeiro do Norte, que não sabia ler e escrever, deixou o maior legado de sua vida: ensinou crianças e adolescentes a acreditarem que podiam ser artistas como ele foi. Esse homem, sábio por determinação, atencioso e amorosamente apenas pelo nome de Mestre Zezito, sua maior condecoração.

Na casa humilde, tudo ainda está como ele deixou. Os bonecos de fantoche, os bonecos gigantes, os geniais brinquedos feitos com madeira e garrafas de material plástico, as pernas-de-pau, as máscaras e vestimentas de palhaço. À frente disso tudo, sua inseparável companheira, Roseneide Amorim, de 36 anos, mãe de suas três filhas: Rita, de 9 anos, Maria de Nazaré, 5, e Isabel, 4. Como o pai, as três vi-

Kleber Lima/CB/Reprodução



MESTRE ZEZITO E ROSINEIDE: VIDAS MARCADAS PELA ALEGRIA DE SER PALHAÇO

raram palhacinhos. E hoje já encenam números impressionáveis.

De forma incansável, Rosineide tenta continuar o desejo do homem que sonhava com a criação do próprio circo. Na tarde de ontem, veio a boa notícia. A prefeitura cedeu, como cessão de uso, um terreno a poucos metros de sua casa. Ali, será erguida a Companhia Circo Boneco e Riso, como o mestre assim batizou. Será um local de oficinas de bonecos e brinquedos, espetáculos e sonhos. Naquela rua sem asfalto, a magia entrou sem pedir permissão. Fez da poeira até poesia.

Para entender toda essa história, é preciso voltar no tempo. Era 1990, Fortaleza. Roseneide dava aula de teatro e dança folclórica no grupo Esperança Jovem. Um dia, José André, que já era Mestre Zezito, foi ao espaço para dar uma oficina de bonecos. Naquele instante, viu Rosineide dançar. Encantou-se com a moça de 19 anos. Ele tinha 39. E lhe disse que ela era uma artista. Desconfiada, ela pensou que apenas se tratava de mais uma cantada.

Adeus, Fortaleza!

Mas Mestre Zezito não desistiu de Rosineide. Chamou-a para acompanhá-lo em alguns espetáculos pela cidade.

Aos poucos, ela foi percebendo que aquele homem podia lhe ensinar o segredo das artes. Soube que, desde criança, ele era apaixonado pela magia circense. De tão pobre, nunca pôde entrar. Um dia, para assistir ao espetáculo, pediu para ajudar na montagem do circo. E chorou ao sentar-se no picadeiro pela primeira vez.

Aos 14 anos, impregnado pelo mundo que conhecera, Mestre Zezito fugiu com um circo que passara pela cidade. Os pais o pegaram de volta. E a surra foi grande, do tamanho do sonho. Mas ele jurou a si mesmo que nada o desvirtuaria do sonho de ter a própria companhia. Aprendeu, sozinho, a representar, a fazer rir, a confeccionar bonecos de fantoche e brinquedos de madeira. Aprendeu a ser, verdadeiramente, artista.

Roseneide soube — e comprovou — o amor daquele homem pela arte. Aos poucos, passou a confiar mais nele. E não hesitou no dia em que, numa manhã de 1991, ele a chamou para morar em Brasília. Disse-lhe que aqui fariam muitos espetáculos, que a cidade seria uma nova chance em suas vidas. E Roseneide se perguntava: “Meu Deus, o que tem de tão bom nessa Brasília, que esse homem não pára de falar...”

Kleber Lima/CB



CRIANÇAS INTEGRANTES DO PROJETO: OFICINA DE BONECOS E BRINQUEDOS

Mas ela veio. E trouxe um irmão, Ronaldo, que também era artista em Fortaleza.

Na despedida, na rodoviária, a mãe dela, a paraense Marialva Ferreira, hoje com 67 anos, lembrou ao Mestre Zezito: “Tu vai levando dois filhos meus. Não quero que nenhum sofra”. Mestre Zezito lhe garantiu que faria o que fosse possível para que nada lhes faltasse. Na tarde chuvosa de ontem, Marialva disse ao *Correio*: “Chorei até o ônibus dobrar, até sumir de vez...”

E Roseneide partiu com mestre Zezito. E desbravou o Planalto Central. Aqui, ficaram hospedados na casa de uns amigos cearenses, em Taguatinga Norte, também artistas de rua. E o dois foram à luta, dia e noite. Apresentaram-se na Torre de TV, no Setor Comercial Sul. Onde havia uma praça e gente, lá estavam eles, como palhaços, mágicos e fazendo shows com o teatro de boneco. No final, quem gostava, deixava uns trocados dentro do chapéu. Era o único dinheiro de que dispunham para viver.

Sonho realizado

Passaram-se os anos. Nada foi fácil, mas ele insistiu. A arte de Mestre Zezito, aos poucos, ficou conhecida em

Brasília e no entorno. Logo, ele mudou-se para Águas Lindas. Ali, nasceu sua filha mais nova, Isabel. E a casa humilde que comprou com o trabalho incessante virou um pólo de cultura. Roseneide e o marido montaram oficinas de bonecos, brinquedos e circo. A meninada da cidade enlouqueceu com a possibilidade de aprender um ofício cheio de magia e encanto. Mestre Zezito dizia, a cada fim de espetáculo: “O mais importante é brincar”. Hoje, 25 meninos e meninas integram a companhia. A casa está sempre cheia, mesmo no dia em que não há oficinas. João Carlos Neto, de 8 anos, extasia-se: “Ando de perna-de-pau e tô aprendendo a fazer brinquedo de madeira”. Daiane Silva, 9, orgulha-se: “Faço boneco de papel”.

Em maio, porém, Deus quis que Mestre Zezito fosse fazer graça no céu. E ele foi, do mesmo jeitinho que encantou quem o conheceu. No dia do seu enterro, a cidade parou. O caixão seguiu até o cemitério com música de circo. As crianças, pintadas de palhaços e com pernas-de-pau, acompanharam o cortejo, cantando. Jamais se assistiu a uma cena daquelas em Águas Lindas.

Seis meses depois da morte do mestre, Roseneide recebeu o *Correio* em sua casa. Lá, tudo lembra mestre Zezito. É como se ele estivesse em cada canto, com o sorriso escancarado, como de costume. Em lágrimas, a mulher do homem que viveu para fazer rir, admitiu: “Ele não morreu”. E prossegue, ainda chorando, ao lado das filhas, com o olhar perdido no vazio: “Em tudo que faço, a energia dele continua comigo e com as pessoas ao redor”. E fala sobre o circo que levantará: “Era o maior sonho do mestre. Até a lona ele já tinha comprado. Agora, vou erguê-la, em homenagem a ele”.

Naquela casa perdida numa rua sem asfalto de Águas Lindas, a vida tem sido generosa. A arte virou cartão de visita e o espetáculo só quer licença para prosseguir. Hoje, sim senhor, vai ter espetáculo. E dos bons. Mestre Zezito, às gargalhadas, está fazendo arte no céu. Picolé amendoim torrado...